



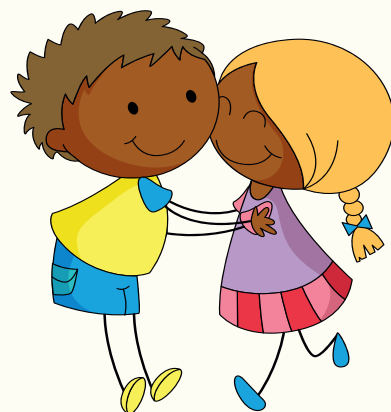
Mais um boletim “O que está rolando” começa e além de atualizar as novidades sobre o Projeto Educar para transformar contaremos sobre a trajetória de Nilma Lino Gomes, grande ativista do Movimento Negro brasileiro, que atua na educação em defesa de meninos e meninas negras.

Mas quem é Nilma Lino Gomes?

Pedagoga e ativista, Nilma Lino é uma mulher negra que hoje é professora Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), já fez parte Câmara de Educação Básica (CEB) do Conselho Nacional de Educação (CNE) onde foi relatora das diretrizes curriculares nacionais para educação escolar quilombola (2012), integrou iniciativas inovadoras de educação, como a implementação da proposta político pedagógica Escola Plural, que abolia o sistema seriado de educação e trabalhava com ciclos, além de tomar como foco os e as estudantes e suas vivências. E também participou da construção do Plano Nacional de Educação onde pontuou a questão da diversidade na educação, e ainda, em 2015 ter sido Ministra Secretária de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) e do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial, da Juventude e dos Direitos Humanos (2015-2016).

Sua produção acadêmica foi uma das precursoras do debate não só das relações étnico raciais, mas também sobre a importância do reconhecimento e do respeito à diversidade de professores/as e estudantes na escola. Entre suas inúmeras produções destacam-se “A mulher negra que vi de perto - o processo de construção da identidade racial de professoras negras” e ainda os livros infantis “O menino coração de tambor” e “Betina”.

Mas melhor do que falar sobre Nilma Lino a melhor forma de conhecer a ela e seu trabalho é ouvi-la e para isso o Cedeca entrevistou a professora e ativista e você pode ver a entrevista na íntegra a seguir.





Pode contar um pouco sobre sua atuação no movimento negro?



Eu cheguei no movimento quando eu estava na universidade já, iniciando o mestrado, quando eu e um grupo de colegas fundamos um grupo interdisciplinar de estudos afro-brasileiros para fazer pesquisas sobre a questão racial feitas por nós mesmos.

Por que naquela época nos anos 1980, e início dos anos 1990, nós não tínhamos professores e professoras que quisessem orientar estudantes negros trabalhando com a questão racial.

E aí quando nós fundamos o nosso grupo, só de estudantes da Universidade Federal de Minas Gerais nós começamos a construir relação com o movimento negro de Belo Horizonte e depois com o movimento nacional. Foi assim então que eu me aproximo das organizações políticas do movimento negro e tenho um ritual de iniciação sobre a questão racial e a construção da identidade Negra. Depois disso, eu e as minhas colegas decidimos que faríamos ações afirmativas para nós mesmos e para outros, nós construímos projetos. Eu fui pra Universidade, me tornei professora, outros e outras se tornaram professoras do ensino superior também.

Então esse foi o contato que eu tive de aprendizado como movimento negro de base acadêmico, e com o movimento negro politicamente organizado, entidades como Movimento Negro Unificado (MNU), agentes pastorais negros, coletivo de mulheres negras, tudo isso somou para eu compreender melhor a questão racial, compreender melhor meu lugar como mulher negra na sociedade e no mundo, e principalmente estabelecer que a educação seria meu grande campo na luta antirracista.



Como você percebe que as relações raciais são tratadas na educação? E como isso influencia no desenvolvimento de meninos e meninas?



As relações raciais são tratadas na educação ainda de uma maneira não muito satisfatória, nós hoje já avançamos muito no que diz respeito a um trabalho com relações raciais na educação, em especial na educação básica. Nós temos uma lei, que altera a lei 1993-1994 de 1996, que é a nossa Lei de Diretrizes e Bases.

Nós temos a lei 10.639 de 2003 que tornou obrigatória o ensino de história e cultura afro-brasileira nas escolas de educação básica brasileira e também o ensino e a discussão sobre relações raciais.

A minha geração, que atuou na escola tanto como discente quanto docente, nós não tínhamos essa mudança, que é política e epistemológica, que nós temos hoje, após 2003. Então eu diria que nós estamos caminhando na educação básica para um trabalho mais competente com a discussão das relações étnicas raciais, mas ainda falta muito a fazer. Falta uma formação de professores, uma discussão mais séria, para que as professoras saibam trabalhar com essas questões, falta também uma formação continuada, e nós estamos num momento em que todas as políticas públicas elas estão paradas interrompidas em função da forma como o atual desgoverno tem conduzido a educação.



Como você acredita que meninos e meninas negras são tratados na nossa sociedade?



Os meninos as meninas negras ainda são tratadas com muito preconceito na nossa sociedade e na escola nós conseguimos avançar por que trouxemos, isso foi fruto da luta do movimento dele das educadoras negras, nós trouxemos a discussão sobre o combate ao racismo, para a sociedade, para o campo da educação. Então isso hoje nos ajuda à ter instrumentos legais para intervir quando situações de racismo acontece, dentro ou fora da escola.

Acho também que o movimento negro conseguiu, tem conseguido, formar uma nova geração de meninos e meninas, de jovens com mais consciência política do seu lugar como negro e negra na sociedade. Isso faz com que na escola essas crianças, adolescentes e jovens não aceitem com tanta facilidade as situações de preconceito e de racismo, que por exemplo, as crianças, adolescentes e jovens da minha geração que viveu. Eu acho que ainda falta muito, falta que a escola ao trabalhar com meninos e meninas negros articule a questão racial com a questão de gênero, com a questão da diversidade sexual, entenda o direito de negros e negras ser quem são, e que a escola se torne um espaço acolhedor para meninos e meninas negros e negras. Para que eles e elas quando chegam no espaço escolar ou passem pelo espaço escolar nas suas memórias escolares as memórias sejam afirmativas, Memórias de um trato digno, de um trato respeitoso com a sua pertença racial, com seu gênero, com a sua sexualidade. Acho que ainda falta muito para conseguir, mas algo já tem sido feito.



Proteção de Crianças e Adolescentes

O Projeto Educar para Transformar lança neste mês de maio a Política Institucional de Proteção de Crianças e Adolescentes do Cedeca. Essa política é um documento que guia as ações de toda a equipe do Cedeca para garantir que as crianças e adolescentes que participam das ações da Instituição não sofram violências e caso isso aconteça elas tenham como denunciar e sejam acolhidas.

O lançamento da Política Institucional fará parte da programação do 15º Aniversário do Cedeca!

Até o próximo o que está rolando!



Pode contar como foi sua infância e adolescência?



Eu cresci numa família de pessoas negras pobres, minha mãe era bordadeira, é bordadeira, ela é viva até hoje, uma querida, meu Pai, já falecido, ele era ferroviário. A minha família veio do interior da Zona da Mata Mineira, de Ponte Nova, e eu tive uma adolescência e infância pobres, com dignidade. Não era a pobreza extrema que infelizmente nós temos hoje no Brasil aumentando cada vez, mas era uma pobreza com dignidade, com pessoas pobres morando naqueles lugares periféricos como se fosse vilas né, de ferroviários.

Tenho mais três irmãos e nós fomos criados com um sentimento de dignidade por ser quem somos muito grande. Meu pai ele era um líder popular que lutava por água, por energia por melhores condições do bairro, acho que isso todos nós guardamos conosco, essa luta por direitos. E a minha mãe uma mulher extremamente amorosa e firme.

Então acho que a minha infância e a minha adolescência foram marcadas por essa dimensão de um acolhimento familiar firme e digno diante de uma situação de pobreza e que me deu forças, a mim meus irmãos, para enfrentar e suportar situações de racismo que nós vivemos naquela época. Essa força familiar de autoestima, de acolhimento, acho que ela é muito importante na construção das nossas identidades negras. Eu tenho essa memória quando eu penso na minha infância e na minha adolescência.

